Apresentação

Luciano Barbosa Justino

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JUSTINO, LB. Apresentação. In: *Literatura de multidão e intermedialidade*: ensaios sobre ler e escrever o presente [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 13-21. Literatura & Interculturalidade series. ISBN 978-85-7879-240-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Este livro perfaz 2 movimentos, 2 estratégias de leitura, a da intermedialidade e a da literatura de multidão. A fronteira entre elas é tênue e provisória. O que as separa é um filtro, que tanto deixa passar quanto retém.

É um livro de crítica, um exercício de experimentação crítica que propõe um olhar transversal sobre as obras, com a finalidade de compreendê-las por aquilo que nelas remete para as formas de vida, para os espaços de produção simbólica e de sua logística de circulação e consumo. É um livro de crítica porque não negligencio 100 anos de poética literária, 100 anos de métodos e pesquisas em nome de conteúdos que, por não observando os muitos movimentos de sentido que as obras perfazem, tornam-se conteúdos-clichês, por mais bela que seja a causa, o projeto, a demanda.

Se os textos não são as origens da literatura, como um certo lugar comum costuma dizer, se são antes o resultado de uma série de operações é porque estas não podem funcionar sem que o texto as medeie. Por isso, penso menos nos textos por si mesmos e mais nas nossas relações com eles e, através deles, com nós mesmos.

Mas este é um livro de crítica porque creio ainda ser possível voltar à leitura pormenorizada das obras, acredito inclusive que qualquer significado ético, político, identitário ou qualquer outro só pode ser compreendido, se for honesto, observando os meios e modos que dão estruturalidade às obras. Se é preciso ir além delas e de suas textualidades, que nunca são só “obras” e “textos”, proponho-me inclusive

lê-las à revelia delas mesmas, naquilo que têm de *médium*, o que está entre, no interior e em volta.

A prosaística de Lima Barreto e a poética de Augusto de Campos são os modelos, moleculares, das 2 estratégias de leitura aqui propostas. É com eles que a literatura de multidão se transforma em intermedialidade e a intermedialidade assume-se multidão.

Tão diferentes em quase tudo, são, contudo, tão parecidos no “compromisso total perante a linguagem”, com os problemas mais urgentes que seu tempo coloca para a prática literária e simbólica em geral, para os espaços de preservação da memória e de sua expansão para além de todo passado aprisionado em si mesmo.

Em Lima Barreto, fui buscar a potência dos pobres e a escrita e seus gabinetes de produção de verdades e de mentiras como objeto de pesquisa inseparável da prática literária.

Em Augusto de Campos, encontrei todos os fora da literatura e da poesia em sua articulação com uma pesquisa sobre seu próprio estatuto e de sua longa tradição nas sociedades contemporâneas e de suas muitas tecnologias de produção de signos.

Em ambos, a multidão aparece ora como vozes dissonantes, ora como as muitas formas de solidariedade e partilha atravessadas por uma reflexão sobre o fazer literatura e poesia em tempos de transformação violenta, técnica, política e cultural, das sociedades contemporâneas.

O Rio de Janeiro de Lima Barreto nas primeiras décadas do século XX e a São Paulo de Augusto de Campos nas últimas décadas do mesmo século são o *locus* instigador de 2 políticas da literatura e da poesia hoje.

São 2 autores que escrevem sempre em presença dos muitos, sejam outros interlocutores, que configuram em sentido restrito a multidão, sejam outros sistemas de produção de linguagem, a intermedialidade como ponto de partida que constrange a literatura e a poesia, nunca as deixando sozinhas.

O livro, nas suas 2 estratégias de leitura, da literatura de multidão e da intermedialidade, está dividido em 3 seções, que sempre se tocam

e às vezes até se confundem, na medida em que a distância entre os 2 autores paradigmáticos, Lima Barreto e Augusto de Campos, é apenas aparente, como se tentará mostrar, sem que se faça nenhuma comparação estreita entre eles, a meu ver desnecessária.

Na primeira seção, *Intermedialidade/semiótica/tradução*, estão 4 textos, todos agrupados a partir do par médium/tradução.

O primeiro deles, “Lima Barreto e a intermedialidade como estratégia de leitura”, é um ensaio “metodológico”, cujo principal objetivo é delimitar, sem restringir, o campo de ação da intermedialidade, de uma certa intermedialidade, que vai buscar em Régis Debray um conceito não substancialista de médium.

Neste ensaio, Lima Barreto aparece como pai ancestral da estratégia de leitura da intermedialidade. Seu olhar sobre a literatura, atividade cotidiana e “profissional” de muitos de seus principais personagens, dá as bases heurísticas para se compreender a literatura em suas muitas dimensões, em seus muitos sujeitos, em suas muitas máquinas.

Seu primeiro romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, publicado em 1909, um romance tido por menor e mal feito para boa parte da ótima fortuna crítica de Lima Barreto, talvez, por isso mesmo, é para mim o seu livro mais relevante. *Isaiás...* ensina a intermedialidade como estratégia de leitura e a multidão como potência dos pobres. Menor ou mal feito, por isso mesmo, por estar na lateral da “alta literatura”, é um romance de abrir os olhos para ouvir.

Se no ensaio sobre Lima Barreto encontra-se o médium, em “Julio Cortázar: memes da multidão na *A auto-estrada do sul*”, tenta-se fazer o exercício de ampliá-lo, mostrando como no conto do escritor argentino, o automóvel, obrigado a abrir seus poros para outros usos, media relações de alteridade incontornáveis. A obra de Cortázar mereceria um capítulo à parte, *A auto-estrada do sul* bem o demonstra, é com ela que começo a ensaiar o conceito de literatura de multidão.

“Alter e egos da memória e do esquecimento: ‘Fernando em Pessoa’ de Laerte” e “Haroldo/Glissant e o diabo do traduzir” são textos sobre tradução e traduzibilidade. Neles, parto da premissa de que não há

como dissociar a intermedialidade da tradução, intersemiótica ou não, e de que toda multidão só é cooperante, sem cooperação não há multidão, pressupondo instâncias de traduzibilidade.

A HQ de Laerte, *O poeta*, brinca com a pulsão de morte e a potência de vida da poesia, através do poeta máximo da literatura de nossa língua. A despeito do desejo do dar cabo da vida disseminado em muitos de seus versos, o poeta sobrevive tanto dos ataques dos Piratas do Tietê quanto do assalto do aparato televisivo, este último ressignificado exatamente pela sobrevivência da poesia e de sua poética. Trata-se de um périplo, o de Fernando em Pessoa pelos “mares” de São Paulo, que consiste na passagem por vários estágios de traduzibilidade/intraduzibilidade na realidade demasiadamente prosaica da cidade e de seus trânsitos.

Haroldo/Glissant... fecha a primeira seção articulando 3 instigantes teorias da tradução: a “transluciferação” de Haroldo de Campos, a épica crioula de Edouard Glissant e a “tarefa-renúncia” do tradutor de Walter Benjamin. Em todos eles, traduzir nunca é renunciar à historicidade do tradutor, antes se estabelece na tensão entre o passado e o futuro do original, que só realiza sua plenitude (Benjamin) numa tradução que o concebe como diferença e opacidade, operação necessariamente diabólica (Haroldo) e crioula (Glissant), nas quais tradução é outro nome que se dá para o encontro com a alteridade.

A segunda seção intitula-se *Potência dos pobres*. Os 6 textos que a compõem têm como objetivo uma discussão pormenorizada do conceito de literatura de multidão e algumas de suas principais características.

Começo com um exercício antropofágico – “Zumbi or not zumbi: that is the question”, uma explícita referência tanto ao manifesto de Oswald de Andrade quanto a suas muitas ressonâncias de amanhã e de antes, de muitos antes, a partir de uma incorporação sem culpa de muitas vozes.

Em “Uma vanguarda intercultural” tento demonstrar a pertinência da vanguarda em tempos pós-modernos, questionando os muitos dizeres que batem o martelo em favor da morte de todo projeto de

vanguarda hoje. Estou convencido de que a vanguarda hoje está nas mãos dos “pobres”, porque são os “pobres” que estão reconfigurando os usos de linguagem e seus lugares institucionais. Em literatura contemporânea, é a presença obsedante e pouco enquadrável da potência dos pobres o dado mais instigador.

Os pobres e sua irredutível riqueza mantém acesa a utopia democratizadora da vanguarda dotando-lhe de um viés intercultural que só pode ser pensado num contexto de multidão. Ao pressupor instâncias culturais em diálogo, o intercultural precisa vir acompanhado de uma reflexão crítica, de natureza fortemente política, a respeito dos muitos estágios que compõem toda formação cultural bem como de uma recusa a toda forma de homogeneização, seja pelo “civilizatório”, pelo tecnológico, por toda e qualquer forma de progresso e “civilização”.

É nas vanguardas históricas, aqui principalmente a utopia antropofágica oswaldeana e o Concretismo dos Campos, que vou encontrar muito do que quero para pensar a multidão, pois se os objetos artísticos de naturalistas, impressionistas, expressionistas, surrealistas, cubistas, dadaístas... tornaram-se hegemônicos, as bases socioeconômicas contras as quais lutaram permaneceram relativamente estáveis, sob um capitalismo que muda sua face mas mantém sua lógica de exclusão. Hoje a vanguarda está menos nos artistas que nos muitos que se recusam uma identidade apriorística que os estigmatiza num lá atrás sem saída.

Compreendidos os estratos e estratificações de que é composta toda esfera cultural e todo produto de linguagem, sobre os quais a vanguarda ainda tem muito a dizer, “Literatura de multidão como estratégia de leitura da narrativa brasileira contemporânea” visa discutir pormenorizadamente o conceito de multidão, a partir de Negri, Hardt, Virno, Sarlo e do conceito de “Comunitas” de Roberto Exposito.

Neste ensaio, tenho como foco a narrativa brasileira contemporânea, cujas principais características são o *locus* da grande metrópole e os modos de vida do homem comum. Parto do princípio da primeiridade dos segundos. São eles que vão me dar as muitas faces da multidão no Brasil do presente, livrando-me de referendar os movimentos de

sentido que a obra impõe aos personagens principais, aos narradores e a seus lugares de privilégio. Proponho leituras impertinentes, que me permitam lê-las à revelia delas mesmas.

“A potência oralizante da multidão” parte das instigantes reflexões de Giuseppe Cocco sobre o que chama de “mundo-Braz”, devir-Brasil do mundo e devir-mundo do Brasil, compreendendo-o à luz do conceito de oralização da literatura de Edouard Glissant e de Jean Derive.

Glissant pensa nas operações que as chamadas “comunidades compósitas”, como o Brasil, produzem para oralizar a literatura num processo de resistência crítica às hegemonias coloniais. Derive explora a longa tradição oralizante das literaturas africanas.

Compreendo a oralização como um fenômeno singular no ambiente maior daquilo que Josefina Ludmer chamou de “literaturas pós-autônomas” e que me ajuda a pensar as multidões contemporâneas como necessariamente oralizantes, cujos grandes exemplos são as narrativas brasileiras contemporâneas ambientadas em lugares densamente povoados, propiciando uma quantidade infinita de encontros nas quais o diálogo e uma certa positividade do lugar comum são a moeda de troca.

Oralizar é a moeda comum de resistências aos lugares especiais e de privilégio tão recorrentes nas tradições literárias nacionais, com seus cânones de autores “machos, adultos e brancos”. Por isso, meu conceito de oralização é ambivalente, porque pressupõe necessariamente um ambiente de escrita, a partir de onde, e só a partir de onde, é possível resistir pela literatura para além do literário. Oralizar se torna assim a operação semiótica definidora da multidão, sendo sob este aspecto diferente em tudo do conceito mais antigo de oralidade.

“Um romance alteritário” propõe o que chamo de análise futura do romance *Cidade de Deus*. Se a importância estratégica desse romance, que provoca uma verdadeira reviravolta na literatura e no cinema brasileiro na segunda metade dos anos 90 do século passado, é reconhecida por todos, acredito que o livro de Paulo Lins ainda não encontrou o seu leitor, aquele capaz de explorar todas as suas potencialidades,

contradições e impasses, que são tantos da obra quanto da própria sociedade brasileira e de seus modos de autorrepresentação.

Chamo-o alteritário para explorar uma palavra-valise, que tanto aponta para alteridade quanto para autoritarismo. O romance de Paulo Lins é um romance onde se nota a força da alteridade e da diferença, mas é também um romance que expõe a enorme parcela de autoritarismo à brasileira. Não tive a pretensão aqui de ser esse leitor por vir, tão ideal quanto diabolicamente tocando na ferida, nas muitas feridas que o livro deixa expostas e que a crítica que se dedicou a ele não para de enfatizar, sem, contudo, dar conta de suas muitas aberturas, de seus muitos foras para além de sua própria superfície.

Quis apenas apontar algumas dessas ambivalências e mostrar como, lido noutra chave, *Cidade de Deus* pode nos dizer bastante sobre os modos de produção de sentido, em uma palavra, sobre os muitos modos de vida num Brasil tão desigual quanto potencialmente solidário, no qual a partilha no comum, seja o empobrecimento seja os gestos coletivos de resistência, ainda é possível, visível nas deambulações que o romance semiotiza o tempo todo.

O leitor futuro que o livro de Paulo Lins ainda não encontrou, suponho, será aquele que o lerá fora de sua chave significativa, que seja capaz de desencaderná-lo para aí poder apreender seu potencial significado, tanto histórico quanto literário.

Na terceira seção, *Poesis de Campos*, estão 3 textos. Todos têm como objeto de análise poemas de Augusto de Campos, a saber: “Anticéu”, “Tvgrama I – tombeau de Mallarmé” e “Tour”.

Com eles, faço um retorno da espiral, iniciada na primeira seção, mas agora tendo como foco os diálogos que Augusto de Campos estabelece com uma tradição de pesquisa sobre a linguagem, que têm em João Cabral de Melo Neto e Stephane Mallarmé pontos fulcrais de contato e de distanciamento. A face intermidial da multidão surge agora a partir dos explícitos diálogos com a tradição da vanguarda literária, com aquilo que Harold Rosenberg chamou de “tradição do novo”.

São todos exercícios de literatura comparada, mas de uma literatura comparada que não se contenta com a literatura, com uma certa

noção de literatura para a qual os sentidos estão todos contidos nos enunciados e nos diálogos no mais das vezes verbal entre obras e autores.

Na poética de Augusto de Campos, a própria noção de enunciado se reconfigura, porque trabalha toda vez com o assignificante, com aquelas formulações não formuláveis, com aqueles sentidos que não se enunciam por um acesso simples à linguagem e à língua.

Compreendo a poética de Augusto de Campos, poética no sentido de que a produção de poemas não pode ser separada da prática crítica e de tradução, como aquela que tem posto na mesa as mais relevantes questões sobre a poesia para o nosso tempo. São dele as primeiras incursões da poesia para um contexto digital, o seu *Poetamemos* de 1953 pode ser lido como um poema pré-informático.

Daí sua importância estratégica para se pensar a intermedialidade num contexto de multidão, suas redes e tentáculos. Ele representa o outro ponto do devir da espiral que começa em Lima Barreto, encontra sua face política na potência dos pobres e se coloca como uma reflexão radical sobre os fundamentos da literatura em nosso tempo.

Em “Eco-lógicas: Augusto de Campos leitor de João Cabral”, faço uma articulação entre o tríptico de 1947-1949 de Cabral, sobretudo “Antiode”, e “Anticéu” de 1984 de Augusto. Neste diálogo com o poeta-engenheiro, dois outros textos de Cabral me interessam aqui, o longo ensaio que escreveu sobre Joan Miró, mais especificamente sobre o papel do espectador na pintura pós-renascentista e como a pintura de Miró o problematiza; e o poema que dedicou ao poeta de Noigandres em *Agrestes*, intitulado “A Augusto de Campos”.

Nessa disseminação de texto a texto, meu objetivo neste ensaio é compreender o novo estatuto da leitura na poesia de Augusto de Campos, na medida em que “Anticéu” exige um leitor situado, um leitor que deixa marcas no texto, um leitor que não pode ser senão mediador, aquele que conecta um discurso a um meio ambiente.

“Tvgrama I (tombeau de Mallarmé)” é tanto uma leitura da tradição Poe/Mallarmé à luz do poema de 1988 de Augusto de Campos

quanto de sua tradução para o vídeo feita por Cristina Fonseca dez anos depois. É um ensaio sobre tumbas, e renascimentos.

Tvgrama I põe Mallarmé e Poe num espaço mediado pela televisão e pelo vídeo. Tento mostrar como entre a tradução de Cristina Fonseca e o poema de Augusto muito se ganha, muito se perde, na medida em que cada médium “estende” (McLuhan) um aspecto e atrofia outro.

É a consciência desta especificidade dos tempos e de seus suportes de inscrição, circulação e consumo, sugerida no poema pelo – “Ah, Mallarmé, tudo existe pra acabar em Tv” –, que torna profícuo, e urgente, o diálogo, misto de lamento e de confronto, Poe/Mallarmé/Campos/Fonseca.

“Vídeo-duração: *Tour*”, que fecha, provisoriamente, o livro, faz com o poema de Augusto de Campos, em sua versão digital, o que foi feito lá atrás com *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Se Lima Barreto mediatiza os ambientes da imprensa e da cultura de massa nascentes no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, Augusto de Campos o faz com a informática e a cultura digital das metrópoles do pós.

A um só tempo tumba e parque de diversão online, *Tour*, poema de festa e fresta, nos instiga a pensar o presente como potência do futuro, da poesia e de suas poéticas, nos novos contextos da comunicação em rede digital. O fantasma que fala no poema é aquele tipo de “ex-cêntrico barroco”, que está no lugar que lhe é próprio, como não-total-estrangeiro.

De Isaías Caminha ao fantasma de *Tour*, é um século de força centrípeta para os constrangimentos do médium; de força centrífuga para multidão dos muitos que se imiscuem contra os monolinguismos dos Uns e de suas maiúsculas.

É disto que trata este livro.